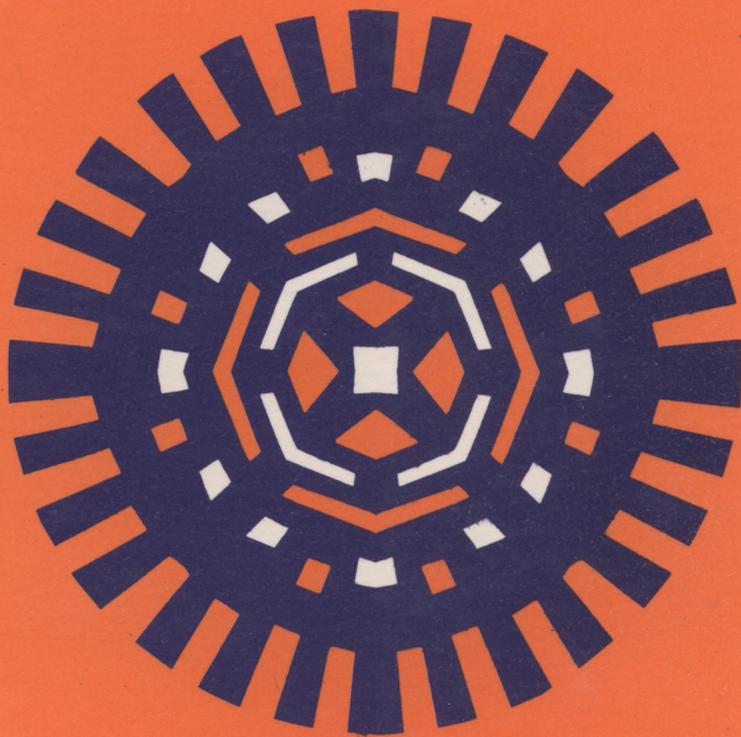


порт/п
А 635

ANTONYTCH



JARRA ESLAVA

BOGHDÁN IGHOR ANTONYTCH

JARRA ESLAVA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1989

Tradução do Ucrainiano e prefácio: Wira Selanski

Revisão: Theresia de Oliveira

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS (1978)
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO (1980)
3. Iván Frankó: MOISÉS (1981)
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA (1982)
5. Léssia Ukrainka: DON JUAN (1983)
6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS (1983)
7. Mykhailo Kotsiubynsky:
SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1985)
8. Marko Vowtchók: MARÚSSIA (1988)
9. CANCIONEIRO DE NATAL (1988)
10. CÂNTICOS DA PRIMAVERA (1989)
11. Boghdán Ighor Antonytch: JARRA ESLAVA (1989)

Capa: WW

© Wira Selanski



Boghdán Ighor Antonytch (1909-1937). Retrato de V. Lasowsky.

O POETA DO SOL FLORIDO

Boghdán Ighor Antonytch (1909-1937) nasceu em Novytsia, uma aldeia da região *lemka* de população ucraniana, que está incorporada hoje à Polônia. Seu pai era sacerdote uniata, sendo Boghdán Ighor filho único da família. Como era franzino desde a infância, recebeu a instrução primária em casa. Muito contribuíram para sua formação a ama, que lhe cantava canções e contava contos de fadas populares, e a professora particular, que o introduziu no mundo da poesia clássica, particularmente a do bardo nacional *Tarás Chewtchenko*.

Por motivos da guerra, como por causa da ocupação da aldeia natal pelos poloneses, a família teve que fugir duas vezes para Viena e para Bratislava, fatos estes que poderiam ter sido responsáveis pela melancolia do futuro poeta.

Antonytch foi um aluno brilhante, tanto no ginásio polonês em Sanok, quanto na Universidade de Lviw (Galícia), combinando paradoxalmente a timidez inata com atitude de nobre orgulho. Partindo do dialeto *lemko*, com seus típicos acentos paroxítonos, aprofundou-se no estudo da língua ucraniana literária, chegando a dominá-la com perfeição. No ano de 1932 conquistou o diploma de Mestre em Filosofia. Vivia ligado a círculos intelectuais ucranianos, esquivando-se, no entanto, de se filiar a qualquer grupo ideológico-político, para manter sua independência. Na sua visão do mundo alternam-se e às vezes coincidem elementos pré-cristãos eslavos, cristãos, naturalistas e panteístas.

Em 1931 apareceu sua primeira coletânea de poesias, SAUDAÇÃO DA VIDA, obtendo uma crítica favorável.

Neste livro, o poeta luta pela conquista da forma, tendo como inspiração os simbolistas franceses, a lírica dos ingleses (*John Masefield*) e poloneses, além da poesia ucraniana.

A coletânea TRÊS ANÉIS, de 1934, é o explodir de seu talento jovem. Em versos singelos que compõem poesias curtas (com exceção de cinco belíssimas elegias), o poeta revela uma vasta escala de imagens carregadas de colorido típico, unidas a sua musicalidade de tocador de violino, que retratam seu recanto natal, emprestando-lhe uma atmosfera de magia lendária. A realidade de sua pátria modesta se transforma pelo poder de feitiço mágico da poesia. É a pátria de *portas cantantes, do acer de cabelos brancos, da antiga soleira pintada, onde a pedra vermelha sonha no rio, risonhos riachos — como amantes dos vales — descem dos montes, o perfume das flores sobe como fumo colorido dos cachimbos, o sol florido dorme no fundo do poço, coberto de musgo e a moça, qual fuso, farfalha com suas saias na dança. É a pátria do céu cinzento e dos olhos cor de cinza do povo preocupado que ara e semeia e é punido pelos invasores.*

Todo o livro TRÊS ANÉIS evoca a pátria do poeta. Até Cristo nasce lá numa cidadezinha *lemka* sobre o trenó, recebendo como dádiva da população a redonda lua. Lá cresce também o jovem poeta *como um framboeseiro, as andorinhas anotam nos livros dos pássaros o começo do dia e chega a primavera — eslava de olhos azuis com cortejo de violinos alados e pratos de latão, por isso é mister aprender a língua da floresta nos livros de raposas e corças.*

Em 1936 foi publicado o LIVRO DO LEÃO, com motivos bíblicos arcaicos, cristãos e patrióticos, feito de poesias em geral de longos versos, repletos de metáforas, catacreses e comparações. Era a última obra publicada em vida do poeta que morreu de pneumonia após uma operação de apendicite.

O VERDE EVANGELHO continua na linha dos TRÊS ANÉIS e foi dedicada a sua noiva Olga Olynyk, contendo versos de exaltada sensualidade e alegria de viver.

O poeta se enquadra na natureza, faz parte do cosmo bioquímico, sentindo-se irmão de plantas e de bichos, sujeito como eles à temporalidade e transformação.

A felicidade, como a beleza, são apenas instantes passageiros, frágeis, mas extremamente intensos.

O livro *ROTAÇÕES*, que revela toques surrealistas, invoca quadros urbanísticos de visão apocalíptica, lembrando o clima de *Baudelaire* e *Rimbaud*.

Antonytch era uma personalidade ricamente diversificada, encaminhada em várias direções e que morreu, como ser humano e poeta, no meio do caminho percorrido, deixando vasto material inédito, onde se encontram o libreto de ópera *DOWBUCH* (sobre um famoso bandleiro popular dos montes Cárpatos), como fragmentos de romances, ensaios crítico-literários e muitas poesias.

Ele ardeu como uma fogueira das colinas de sua pátria, com um fogo intenso e breve.

PRECE

Dia após dia se esvanece
qual sol atrás do biombo da serra.
Os olhos nos doem da espera,
a neve cobre a cabeça.

...A alma, em desvairada prece
um homem novo implora.

SAUDAÇÃO DA VIDA

MENDIGO À PORTA DA IGREJA

Desgrenhado, em farrapos, horrendo,
coxo, cambado, manco,
com seu olho cego e branco
fita o sol — um remendo.

Imundo qual rato da vala,
desdentado, de podre gengiva.
Mas o sol de ninguém se esquiva
e todos os homens iguala.

SAUDAÇÃO DA VIDA

PRIMEIRA NEVE

O outono vai ao campo na carroça dourada.
Sobre os montes calvos — cinzenta névoa ondulada.

O sol com chicote de raio — ardente cocheiro.
No céu — nuvens brancas apostam corridas, ligeiro.

Na roca de copas das árvores — cinzenta tela.
A distância azul no braço do monte se apóia.

A vassoura do vento varre a folhagem ao longe.
Ramos secos na mata estalam salmos de cobre.

Flores níveas caem, prenúncio do inverno futuro:
A eternidade beija a terra com ósculo puro.

SAUDAÇÃO DA VIDA

MOÇA COM DISCO

Olho-te, extasiado, na planura
e minha boca nenhum grito ousa;
olho-te bela, esguia, orgulhosa,
petrificada no ímpeto, qual pura
e esbelta Diana, segurando a lua.

A mão é leve pluma neste giro:
teu gesto elástico me envolve a mente.
Não vejo nada mais, eu sei somente:
revolves multidões com louco risco,
meu coração lançando, como disco.

SAUDAÇÃO DA VIDA

NATAL

No trenó nasceu-nos Deus,
em Dukla, em nossa aldeia.
Vieram *lemky* de chapéus,
trouxeram a lua cheia.

Na nevasca, a noite fria
rodopia mais veloz.
Brilha na mão de Maria
a lua — dourada noz.

TRÊS ANÉIS

CÂNTICO DE NATAL

Lavram o trenó de prata,
corre enevoado trilho.
Para o azul da distância
partirá o divino Filho.

Lavram o trenó de prata,
sonhos-primaveras sonham.
No trenó a Senhora clara
com os olhos de uma corça.

Anda o sol — chapéu de palha
e dorme a Criança eslava.
Soluça a Senhora clara,
cobre-se de neve a estrada.

TRÊS ANÉIS

PRÍNCIPE

Com branca neve fumam montes
e sete setas qual canções.
O dia já saúda o jovem:
diz “Ighor”, nome dos heróis.

Violas ardem para as bodas,
bandeira do sol no portão.
Eu sou um príncipe na ronda
da primavera e da canção.

TRÊS ANÉIS

À PRIMAVERA

Eslava de olhos azuis, primavera,
É a ti que componho hoje meus cantos.
Marulham cem riachos, vindos da serra,
seu leito reluz de musgo prateado.

De um lado e de outro — floresce o linho,
o casamento passa pelo bosque:
o canto põe asas em violinos,
ressoam alegres pratos de cobre.

As músicas se expandem, ecoando,
o sol bento no pão de núpcias brilha.
Embriagadora e linda primavera
tem o bordo vermelho de bandeira.

Ela me tem enfeitado
para a morte e para a vida.

TRÊS ANÉIS

VERDE EVANGELHO

O carrossel da primavera:
cavalos brancos na rodada.
Na flor dos pêssegos — a aldeia,
a lua — tulipa encarnada.

Mesa de freixo. Pousa nela
a jarra eslava, à jarra — o sol.
Inclina-te diante da terra,
terra — qual sonho multicolor.

TRÊS ANÉIS

AO ENCONTRO

Qual framboeseiro cresce o menino,
tinem as ferraduras nas trilhas.
As andorinhas nos sábios livros
anotam primeiras horas do dia.

Hoje, atrelando o sol ao arado,
vou ao encontro da primavera.
Voláteis pétalas — neve voando —
no abril nos cantam a jovem era.

TRÊS ANEIS

BODAS

Embriaguei-me com o vinho
que os versos iniciais encerram.
A lua foi meu paraninfo
nas bodas com a primavera.

Como surgiram e soaram
jamais eu consegui contá-lo.
Meu coração tornou-se brasa:
assim nasceram os meus iampos.

Douradas pela labareda,
não feitas numa ferraria,
nascem canções de primavera
na flórea tipografia.

TRÊS ANÉIS

AUTO-RETRATO

Bordos vermelhos e prateados,
acima — vento e primavera.
Como me tornas embriagado
ó bela, temporal quimera!

Vendi ao sol meu breve fado
por cem ducados de loucura,
pagão e bardo extasiado
desta primaveril ventura.

TRÊS ANÉIS

VENTO MATUTINO

Alado vento, forte vento
traz folhas, andorinhas, astros,
convida o coração sedento
ao verde abril, o azul dos cantos.

O dia vem — dos montes cervo,
a noite passa qual navio.
Alado e perfumado vento —
de gládios rútilos tinido.

TRÊS ANÉIS

CEREJEIRAS

Antonytch era em outros tempos um besouro
naqueles cerejais, cantados por *Chewtchenko*.
Ó pátria bíblica, de estrelas puro ouro,
de rouxinóis e cerejeiras és o berço.

Chegam as tardes e as matinas de evangelho,
o céu derrama o sol sobre o brancor da aldeia.
As cerejeiras, como em tempos de *Chewtchenko*,
embriagam as canções com perfumada seiva.

TRÊS ANÉIS

BORDOS

Curvam-se dois solitários bordos
lendo a cartilha da primavera.
Rezo à verde terra de novo,
verde eu próprio, igual a relva.

Raposa sábia, de musgo coberta,
compôs a poética ao jovem ácer.
Já canta o dia, já canta a terra,
a seta de sol esvoaça.

TRÊS ANÉIS

COPOS

O freixo, a foice e os cavalos.
Sonha o menino na janela.
Em copos rubros e prateados
já derramou-se a primavera.

E já o menino busca a chave
para o portão primaveril.
E salta o sol da relva bravo,
igual ao potro juvenil.

TRÊS ANÉIS

FLORESTA

Aprenda a fala da floresta
no livro de raposas, corças!
No carvalhal a lua vela,
nos troncos elegias corta.

Riachos lavam a prata da calma,
banha-se no sereno a relva.
Que as mais singelas das palavras
naquele livro a noite escreva!

TRÊS ANÉIS

TABERNA

De mercadores e de moças
fala o relato antigo.
Na tua mão — alada taça,
no sangue — brasa e vinho.

Na mesa tinem os ducados,
a lua é taça cheia.
A tarde pende sobre o prado
e os rios encandeiam.

TRÊS ANÉIS

FUSO

Qual seta o dia, fresco e claro,
beleza inatingível mana.
Tu riscas círculos de canto.
Rescende a manhã anilada.

Em verdes cordas a alma soa.
Da neve o riso prateado.
Fuso do sol, assim à toa
um jovem vai rodopiando.

TRÊS ANÉIS

NA ESTRADA

O amanhecer, trançado em ventos,
qual ciganinho pula da água,
moreno, jovem e travesso
grita na areia ensolarada.

No chão sonoro o rio corre,
o vento em ondas chicoteia.
A margem alta a lua esconde
como a moeda na algibeira.

Gorjeios bicam a aveleira,
qual cobre a larga estrada soa.
E rindo corre no outeiro
guri descalço, o sol nas costas.

TRÊS ANÉIS

ALDEIA

Diante do sol as vacas oram
e o sol — papoula é encarnada.
O esguio freixo se transforma:
é pássaro, embora planta.

Do coche a lua desatreiam,
o céu de cânhamo se estende.
Os ventos as distâncias velam,
a mata azulada, como um pente.

Do monte, a brisa as folhas varre.
O galo, a roca, o berço — a tela.
Derrama-se a manhã no vale
qual leite fresco na tigela.

TRÊS ANÉIS

MOTIVO ANTIGO

Os níveos castanheiros junto à casa,
a lua andando em torno, como guarda:
não é uma página de antiga saga,
e sim um desencontro na lembrança.

Como dois ramos da aveleira seguem
com rumos diferentes duas trilhas.
Sombras azuis à tarde na água caem.
Bebemos sós amarga-doce vida.

TRÊS ANÉIS

GALO

Qual seta, se evolou a estrela,
a canção se extinguiu, como centelha.
Só de orvalhadas ervas
sereno límpido goteja,
como palavra amena.

Fechou-se o horizonte
num luminoso halo.
A noite vem a dissipar-se
como a fogueira a apagar-se.
O amanhecer na azul carroça
traz feixes de sol para a roça.
Farfalham asas vermelhas do galo —
cantante cobre:
a foice.

TRÊS ANÉIS

CARTA

Num pedacinho de papel
a mão escreve a breve
palavra:

adeus.

Embora os olhos escuros sempre e sempre
prometem os loucos
céus.

Num pedacinho de papel
treme a mão, dizendo
que fica estreito aos dois corações
o mundo
imenso.

TRÊS ANÉIS

ACÁCIAS

Fumega a vela de uma acácia
na mão do pio entardecer.
Os *lemky* voltam às moradas
da véspera, ao se benzer.

Ó minha terra de colinas!
Tuas acácias lembrarão
que a lua sempre nos surgia
trançada coroa de pão!

LIVRO DO LEÃO

FRAGMENTO

Temo apagar o candeeiro,
pois surge a noite malfadada;
partida em iambos, vem ligeiro
e entra no peito, como faca.

O sono foge! Os galos cantam,
bate o relógio, a lua paira.
Meu sonho é a voz angustiada
na trágica e amada pátria.

LIVRO DO LEÃO

PRIMEIRO CAPÍTULO DA BÍBLIA

Quando cantava pedra e serpentes tinham asas,
quando Eva se vestia em folhas de azereiro,
o mar sob as estrelas brilhava feito prata,
soprava embriagante o impetuoso vento.

Quando Eva a lua cheia colheu da macieira,
leões se rebelaram no Édem daí em diante.
Os filhos de Adão, dispersos pela terra,
constróem para as Evas castelos e cidades.

VERDE EVANGELHO

CHOUPOS

A primavera queima incenso
nos choupos, na manhã azulada.
O abril escreve verdes versos
às trutas e às carpas de prata.

No lago, pelo bosque oculto,
as moças lavam nuvens brancas.
O vento mexe nos arbustos,
pois quer colher o sol das ramas.

E o coração se envolve na ébria
palavra — esbelta, enamorada.
Aos céus da cor de framboesa
os choupos voam como garças.

VERDE EVANGELHO

SINCERIDADE DE PERVINCA

Ama-me sempre simplesmente;
as moças amam com desvelo.
Quando tu passas pela ponte,
a estrela enfeita teu cabelo.

Aquela beija como brasa
que com os beijos se inicia.
Sinto tremer em tua fala
sinceridade de pervinca.

VERDE EVANGELHO

DOIS CORAÇÕES

Seguimos o horizonte, sonhando,
no canto abraçados, pela vereda.
O vento agita o celeste telhado,
arranca as estrelas igual às telhas.

Da multidão separados, ansiosos
nos envolvemos no manto da noite.
Dois corações sem abrigo, quais pombos,
tremem uníssonos ao vento forte.

VERDE EVANGELHO

CANTO NUPCIAL

Escuta já o tambor das bodas,
os bordos — qual pavões na dança.
Em teu cabelo, minha noiva,
trançou-se a lua cacheada.

Por que apagou-se o violino?
Por que a meiga mão tremula?
A noite em musgo de seu brilho
envolve as rijas ferraduras.

VERDE EVANGELHO

FERRADURAS

Em cem carroças vem a primavera,
os arcos de violinos se retesam.
A chuva cai coada na peneira
e o sacristão à boda acende velas.

Ainda não partimos à aventura,
os contrabaixos tocam impacientes.
Chamai ferreiros para forjar lua
em ferraduras novas aos nubentes!

VERDE EVANGELHO

PEQUENO HINO

A seta perseguindo a meta,
os dedos afinando a corda.
Estrelas rubras, qual moedas
a tarde recolheu na bolsa.

E o coração? Embriagado
palpita enamorado, espera.
Cem vezes louvo o vento alado,
cem vezes louvo a primavera.

VERDE EVANGELHO

LÚPULO

Tu verde lúpulo, menina,
envolve-me o corpo jovem.
Sonhos de musgo, desatino,
farfalham folhas em cem bosques.

A primavera enfeita as bodas
e cada noite é filtro forte.
De tuas mãos meiguice doa
segredo da insondável sorte.

VERDE EVANGELHO

NOITE DE NÚPCIAS

Com canto de pássaros arde a noite,
ela nos prepara o leito, querida.
A lua cheia à janela volve —
taça radiante de doce magia.

Musgo bordado, de amor desvario
hão de envolver-nos na infinda ventura.
Nos sonhos ardentes, sonhos floridos
cem luas de madrugada tremulam.

VERDE EVANGELHO

PÔR-DO-SOL

Sobre a ribeira — nuvens crespas:
a lua seus cordeiros guarda.
Crescem meninas como relva
para o prazer da rapaziada.

Os bois o sol com chifres furam:
sangue purpúreo goteja.
O ocaso qual ferida fuma,
tingindo de vermelho as ervas.

VERDE EVANGELHO

VIBURNO

Inclina-se o viburno, mas
cresce a palavra como bago rubro.
Tu à primavera vem orar
e grava em pedra o canto de viburno!

Em setas desce a luz solar,
vem trespassar a pedra e a palavra.
Flore o viburno ao brotar
de folhas e canções eterna safra.

VERDE EVANGELHO

FILHO DE CARPINTEIRO

O cofre de carvalho, o canto e o machado.
Teu pai com o machado orava dia a dia
e teu avô também. Ergueu igrejas quatro,
com elas coroou sua humilde vida.

Mas tua própria mão não deu para o machado,
não de madeira hás de fabricar teu sonho.
Assim dos montes partem pássaros alados
aos vales onde florem moças como o linho.

VERDE EVANGELHO

CUCO

O cuco canta novamente,
talvez cem vezes já cantou.
Passei por primaveras vinte,
contando o tempo nas canções.

O orvalho em framboesas brilha,
ao sol rezava eu, criança.
Os cucos cantam minha vida,
pintando sonhos e lembranças.

VERDE EVANGELHO

FEIRA

Costura sonhos meu irmão,
o céu e a terra cose.
Nas tendas lenços ardem, qual
um pente de cem cores.

Canções e o bombo a martelar
tecem secretas teias:
um sol vermelho vendem já
na feira em nossa aldeia.

VERDE EVANGELHO

POEMA DE AZEREIRO

A noite, de mil folhas ébria,
fumega em névoa do azereiro.
As letras luzem qual estrelas
nas páginas do livro aberto.

A mesa com folhagem brota,
eu sou arbusto junto dela
e leio livro de cem folhas
na eterna e sábia natureza.

VERDE EVANGELHO

RETORNO

Voltei aos peixes e salgueiros,
aos almos e floridos muros.
Diante do sol, sobre os joelhos,
de novo beijo os negros sulcos.

O sol se inclina, o sol chameja
como uma mãe sobre seu filho.
Com beijos me sacia a terra,
igual às flores com orvalho.

Rios azuis e sulcos negros,
na cerca nuvens qual cobertas.
Nasci em um maio cacheado,
abaixo do sol, sobre as mentas.

VERDE EVANGELHO

CASAS

Qual cogumelos crescem casas
embaixo do brioso vento.
A chuva sobre as telhas dança.
Estás tranqüilo, meu recanto?

Nas rubras matas inda ladram
raposas das passadas guerras.
Pende o espectro sobre as casas
de incêndios, mortes e cometas.

Lavam o sol no rio as moças,
os choupos vêm em fila sempre
Ara e semeia a gente nossa,
a estranha — pune só os rebeldes.

VERDE EVANGELHO

TELHADOS

A aldeia em choupos e aveleiros,
vermelhas telhas no telhado,
qual juventude no mistério,
envolves no celeste pano.

Lembras viburnos na alta margem,
o sol no poço abeberado?
Porás no livro: olor da tarde,
vermelha faixa dos telhados.

VERDE EVANGELHO

ALDEIA

O sol nos bordos enalhado,
o campo arado a fumegar.
O verde círculo dos campos
em torno do sol a girar.

O rio — faixa, a mata — nesga,
subiram ervas qual enchente.
O arado a liturgia reza
onde passavam guerras quentes.

VERDE EVANGELHO

FEITIÇOS DE TABERNA

Faca amolgada, vela escura,
dama de ouros, de baralho.
Tudo irreal: a noite, a lua,
vigília com o sonho alado.

O desespero aperta o peito,
os lábios tremem sobre a taça.
Dou cem ducados, taberneiro:
vende-me a lua enfeitada!

VERDE EVANGELHO

MITO

Como nos mitos arianos,
a ferradura, o barco, a flecha.
No carvalho — heróis prateados
fala sanscrítica segredam.

De testas altas, passam loiras tribos
e seus amigos — navio e cavalo.
Ardem no céu os estrelados signos,
qual sóis alados de cruzados gládios.

VERDE EVANGELHO

TERMINANDO

Quem tua fala quer ouvir?
Será quem pesa o sal e o pão?
Será quem conta seus proventos,
ou quem na noite sem dormir,
revolto, imprime manifestos?
Ou quem de febre vem ardendo,
esfomeado e sem razão?
Ou quem prisões vai defendendo,
ou quem derruba a vil prisão?

ROTAÇÕES

NOITE

Carrega a noite um saco pleno
de nuvens brancas e de estrelas,
faz delas, como de centeio,
a massa na lunar gamela.

As moças ébrias relampejam
e do zodíaco brame o touro.
São fecundadas água e terra
na música, no pólen louco.

POESIAS PÓSTUMAS

NASCER DO SOL

O vinho das maduras noites
marulha em crânio, até a beira.
Irrequieto acordo hoje
e a lua nos meus olhos pesa.

Mas logo sinto: nas alturas
repica o luminoso azul.
Que fine-se o dragão da lua,
pois nasce o branco deus — o sol!

POESIAS PÓSTUMAS

ÍNDICE	Pág.
O POETA DO SOL FLORIDO	5
PRECE	9
MENDIGO À PORTA DA IGREJA	10
PRIMEIRA NEVE	11
MOÇA COM DISCO	12
NATAL	13
CÂNTICO DE NATAL	14
PRÍNCIPE	15
À PRIMAVERA	16
VERDE EVANGELHO	17
AO ENCONTRO	18
BODAS	19
AUTO-RETRATO	20
VENTO MATUTINO	21
CEREJEIRAS	22
BORDOS	23
COPOS	24
FLORESTA	25
TABERNA	26
FUSO	27
NA ESTRADA	28
ALDEIA	29
MOTIVO ANTIGO	30
GALO	31
CARTA	32
ACÁCIAS	33

	Pág.
FRAGMENTO	34
PRIMEIRO CAPÍTULO DA BÍBLIA	35
CHOUPOS	36
SINCERIDADE DE PERVINCA	37
DOIS CORAÇÕES	38
CANTO NUPCIAL	39
FERRADURAS	40
PEQUENO HINO	41
LÚPULO	42
NOITE DE NÚPCIAS	43
PÔR-DO-SOL	44
VIBURNO	45
FILHO DE CARPINTEIRO	46
CUCO	47
FEIRA	48
POEMA DE AZEREIRO	49
RETORNO	50
CASAS	51
TELHADOS	52
ALDEIA	53
FEITIÇOS DE TABERNA	54
MITO	55
TERMINANDO	56
NOITE	57
NASCER DO SOL	58
BIBLIOGRAFIA	61

BIBLIOGRAFIA

- *Boghdán Ighor Antonytch: PERSTENI MOLODOSTI (ANÉIS DA JUVENTUDE)*. Ordem dos textos, anotações e esboço crítico-biográfico de *Mykola Nevrlý*. Slovenské pedagogické nakladateľstvo, Bratislava, 1966.
- *Boghdán Ighor Antonytch: PISNIA PRO NEZNYCHTCHENNIST' MATERIYI (CANTO SOBRE A IMPERECÍVEL MATÉRIA)*. Ordem dos textos, introdução e notas de *Dmytró Pawlytchko*. Radiansky Pys'mennyk, Kiev, 1967.

Composto e Impresso na



COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ARTES
GRAFICAS

RUA PASCHOARELO, 120 - TEL.: 232-3326, 232-9623 e 232-6753

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Printed in Brazil

